

## O CONTO DICKEANO: A (RE)DESCOBERTA DE UM AUTOR

Ieda Sant'Ana Rodrigues<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho tem a intenção de explorar a obra do escritor mato-grossense Ricardo Guilherme Dicke, que é uma reunião de três contos do autor, que foram escolhidos pelos familiares e publicados em 2011 alguns anos após a morte do autor. A obra recebe o nome de *O velho moço e outros contos*. Pretende-se identificar alguns pontos particulares presentes no primeiro conto da obra *O Velho Moço*, como, por exemplo, a constante preocupação com os valores morais, um dos questionamentos frequentes na obra “dickeana” e ainda identificar alguns aspectos e elementos regionais presentes no conto. Este artigo também tem o objetivo de divulgar e revelar a importância desse autor um pouco esquecido e desconhecido por grande parte dos leitores.

**Palavras-chave:** Regionalismo; Ricardo Guilherme Dicke; valores morais.

### 1. Introdução

Ricardo Guilherme Dicke nasceu na década de 30, em 16 de outubro de 1936, filho de pai alemão com mãe brasileira, uma família de garimpeiros. Passou toda a sua infância na região da Chapada dos Guimarães, no Mato Grosso.

A produção literária de Ricardo Guilherme Dicke se destaca e ultrapassa os antigos conceitos do ponto de vista mimético da arte. A sua literatura se faz a partir dos seus enredos e da composição de seus personagens que interpretam a história e a vida, contemplando o espaço regional do Mato Grosso. Esse espaço é bem demarcado em grande parte da obra dickeana tanto como o espaço histórico, como o geográfico, com as paisagens típicas da região e também com a introdução de conceitos míticos presentes ali. Conforme Gilvone Furtado Miguel

O espaço local é, por ele trabalhado criativamente na constituição mitologizante do enredo de forma que, estruturando um conjunto harmonioso, absorve e reflete os aspectos universais da existência do homem. [...] Assim, os elementos locais/regionais formam o patamar sobre o

---

<sup>1</sup> Estudante de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: [jedinhabuzzo@gmail.com](mailto:jedinhabuzzo@gmail.com)

qual se assentam, no trabalho da criação literária, as angústias, as dúvidas, as aflições que atingem a universalidade dos homens ao experimentar situações conflitivas. (MIGUEL, 2005, p. 89).

As obras de Dicke revelam os mistérios e verdades que atormentam o ser humano. Com isso o autor faz uma literatura não só local, ou regionalista, mas também universal e atemporal.

Essas reflexões sobre o ser humano podem ser vistos principalmente nos contos do autor e isso motiva o “desdobramento, em mil e uma contingências”, como afirma Nádía Gotlib na *Teoria do Conto*. Ela ainda afirma que essa literatura é construída a partir de características particulares de um determinado período da história, da maneira particular que cada autor desenvolve e organiza esse gênero.

Essa teoria será comprovada seguir com as análises de alguns trechos do conto “dickeano”, demonstrando a sua maneira peculiar de narrar e organizar suas ideias a partir de “*momentos especiais* da vida, favorecendo a *simetria* no uso do repertório dos seus materiais de composição.” (GOTLIB, 2006, p. 82).

## 2. Um Dicke esquecido

Dicke teve na década de 60 seu primeiro romance publicado e muito aclamado pela crítica, o *Deus de Caim*, que em 1967 ganhou o 4º lugar do Prêmio Walmap, um dos prêmios mais importantes do país na época, que tinha como júris Guimarães Rosa, Jorge Amado, entre outros. O autor ainda foi citado como grande nome da literatura nacional por Hilda Hilst e Glauber Rocha, este último é até citado um conto do escritor. Porém o romance de estréia do autor não foi publicado em uma grande editora do Rio de Janeiro ou São Paulo, portanto caiu no esquecimento do grande público. O escritor ainda publicou outros 6 romances: *Caieira*, *Madona dos Páramos*, *Último horizonte*, *Cerimônias do esquecimento*, *Rio abaixo dos vaqueiros*, e *O salário dos poetas*. E tem mais de 10 outros romances escritos, além de peças de teatro e poesia e também os livros de contos. Entre os publicados temos *Toada do Esquecido e Sinfonia Equestre*, *O Velho Moço e outros contos*, *Os semelhantes*, *Cerimônias do Sertão* e *A Proximidade do mar e A Ilha*. Esses quatro últimos livros são obras póstumas e

conta com contos da década de 70 e alguns escritos até alguns meses antes do falecimento do autor, como os contos do livro *O velho moço e outros contos*.

O escritor ainda ganhou, em 1977, o Prêmio Remington com o romance *Caieira* e, em 1981, com a obra *Madona dos Páramos*, foi premiado pela Fundação Cultural do Distrito Federal.

Ricardo Guilherme Dicke nunca fez questão de ser conhecido, muita vezes publicou por conta própria algumas de suas obras. Viveu recluso em Cuiabá o que dificultou muito a divulgação de seus livros, pois estava fora do eixo cultural Rio - São Paulo, onde há maior divulgação editorial. O escritor só saiu de Cuiabá quando foi cursar filosofia na Universidade Federal do Rio de Janeiro, mas logo depois retornou à cidade natal.

Ricardo Dicke sabia o peso por ter escolhido viver e escrever seus livros fora do grande eixo literário e reconheceu isso durante uma entrevista concedida ao jornalista João Ximenes Braga (2008).

É porque mudei para o Mato Grosso. Aqui é o mesmo que um exílio para qualquer um que deseja ser escritor e não tem editoras grades nem distribuição, o que é uma maldição para quem pretende escrever. (...) Aqui a gente pula atrás dos editores. Como não há o que fazer, temos que esperar que nos descubram nos grandes centros. Tenho oito livros prontos para publicar. Nenhum plano, porque aqui é minha *Finisterrae*.

Especializou-se em Merleau Ponty (filósofo fenomenólogo francês) e também cursou o mestrado em Filosofia da Arte na UFRJ, ainda estudou pintura e desenho e até promoveu exposições em Cuiabá e no Rio de Janeiro. Dicke trabalhou como professor, tradutor e jornalista para jornais e editoras do Rio de Janeiro e de Cuiabá. E em 2008 Dicke se despediu da vida e nos deixou com sua vasta fortuna bibliográfica.

Há também a dificuldade em encontrar as obras do autor, pois quase todas estão esgotadas ou as poucas que foram reeditadas são distribuídas graças aos esforços da parceria entre as editoras de Cuiabá, Carlini e Caniato e a Cathedral Publicações.

### 3. O conto

Neste trabalho foi escolhido para ser analisado o conto *O Velho moço* que retrata as questões próprias do homem enquanto ser, reflexões sobre a vida e o modo de ver o mundo e o caos que nos cerca.

O conto narra a história de Banziflor, um velho que passa grande parte de sua vida sentado em um cadeirão, fazendo uma avaliação com prós e contras de sua vida. A história de Banziflor se cruza com a de seu irmão Russel e ainda nos faz pensar se não são a mesma pessoa.

Banziflor é um velho que se nega a trabalhar, pois acredita em algo maior, mais sublime. Durante o conto surgem expressões e significados que sugere uma aproximação do personagem com a morte.

Logo no começo do conto, na segunda página, Banziflor exprime seu pensamento em relação ao trabalho, como no trecho a seguir:

No cadeirão, Banziflor monologava:

- Não trabalharei nunca de nuncas. Nem pensar. Não pedi para nascer, não pedi para trabalhar.

[...]

-Tenho 57 anos, não sou moço nem velho e não quero trabalhar. Escravidão do gênero humano, trabalhar. Morrerei de fome aqui, mas não trabalho. Os outros, o grande povão, podem trabalhar se quiserem, eu não. (DICKE, 2011, p. 14).

#### 3.1. O regional

As obras de Dicke prezam por inserir um pouco da cultura local, no caso, mato-grossense, em um âmbito nacional, propondo uma ascensão da questão regional. Assim, relata aspectos como o desmatamento, que é um grande problema local. Conforme o trecho:

Ele. Pensa: “estas florestas talvez guardem tesouros para nós. É uma pena que os cabeças-de-galinha ponham fogo nelas e outros cabeças-de-porco derrubem sem piedade árvores centenárias. Covardes, assassinos. Deviam ser condenados à morte. E queimados. De modo que não sobre deles nem

fio de cabelo. (DICKE, 2011, p. 35).

Nesse trecho é explícita a denúncia e a crítica da situação de uma área explorada desenfreadamente. As florestas são a riqueza do nosso país e símbolo nacional.

Dicke em sua obra também privilegia o local quando situa seus personagens na região do Mato Grosso, como no trecho em que cita rios pertencentes a essa região em “Esperava a morte, mas ela não vinha. É duro não morrer quando se quer. Lembrava-se da chácara Chaparral, quando a tinha com seus três rios: Coxipó do Ouro, Cururu e Babaçu.” (DICKE, 2011, p.14). Nesse trecho nota-se a relação entre o saudosismo do personagem principal e a morte que parece estar próxima.

Esse saudosismo é visto em outros trechos do conto, principalmente por meio da definição dos espaços da narrativa, como no próximo trecho:

[...] Tinham uma casa pequena, mas adorável. Nos fundos, havia matas fechadas e passava o rio Aguassu, que embalou minha vida. Meu Jipe era um Willis, que nunca me deixou na mão. Enfrentava chuva, ventos e tempestades.

[...] A estrada até Aguassu tinha 22 pontes e mata-burros que cantavam, cada um, uma música de saudação diferente. (DICKE, 2011, p. 18).

### 3.2 O relógio

No decorrer do conto aparecem alguns elementos marcantes que são citados por várias vezes, que é o caso do relógio. Ele aparece no início do conto em “E ficava olhando o relógio de parede, parado num eterno 3:33h, no centro da parede, à sua frente.” (DICKE, 2011, p. 14). Conforme a escritora e professora de literatura da Unemat, Marta Cocco, seria uma “imagem enigmática” presente no conto, o que é um recurso frequente na obra de Dicke. Ela ainda completa relacionando esse fato à Numerologia, apontando que a somatória de 3+3 resulta em 9, que indica sabedoria. E acrescenta que o 9 é o número do eremita, aquele que vive sozinho, ou seja, consegue conviver com a solidão.

Mais adiante no conto Banziflor assume que não gosta muito de relógios, pois eles marcam as horas do trabalho.

Banziflor sentado, da sua cadeira olhava fixamente o relógio parado na parede à sua frente.

[...]

- Não gosto de relógios: eles marcam irremediavelmente o tempo dos trabalhos, marcam a vida de quem trabalha. Só gosto deles quando estão parados, inativos, sem vida. Marcam a morte. (DICKE, 2011, p.30).

Esse trecho exprime a relação que Banziflor tem com o relógio e uma reflexão a respeito do tempo e do trabalho e conseqüentemente da vida, pois não se sabe até que ponto o trabalho atrapalha ou não a vida de uma pessoa, até onde essa pessoa é influenciada por esses dois elementos, que para Banziflor anda juntos. É a velocidade da vida avançando proporcionalmente junto ao relógio e a velocidade do tempo, contra alguém que não quer avançar no tempo.

Se aproximando do fim do conto o relógio ainda é citado como uma espécie de fechamento de ciclo, no trecho “Tomou banho e sentou-se no cadeirão afundado, olhando o grande relógio parado na parede. Banziflor era um homem superior: pelo menos, ele pensava assim.” (DICKE, 2011, p. 38). Segundo Cocco o formato do relógio também é significativo, pois é redondo, em círculo remetendo ao “mito do Eterno Retorno”, em quem a vida e a morte se cruzam diversas vezes em um eterno tempo cíclico.

### 3.3 O poético

O tom poético pode ser visto em grande parte da obra de Dicke, em especial, no conto aqui analisado. E, levando em consideração as palavras de Cortazar podemos aproximar o conto da poesia, pois:

Dependem destes valores que dão um caráter específico ao poema e também ao jazz: a tensão, o ritmo, a pulsação interna, o imprevisto dentro de parâmetros pré-vistos, essa liberdade fatal que não admite alteração sem uma perda irreparável. (1971, apud GOTLIB, 2006, p.71).

Pode-se notar esse ritmo e essa pulsação no trecho, “Escuro, escuro, *dark*, obscuro, escuro, êxtase negro das trevas, escuros, nada pior, ou melhor, ou igual à morte, escuro, profundo, no coração, metade da vida.” (DICKE, 2011, p. 39), em que o narrador combina

palavras para dar um sentido mais profundo à noite, que é outro elemento de destaque no conto. A aproximação das expressões e a relação entre elas e seus significados nos leva a uma profunda escuridão, porém no fim aparece a palavra coração e vida mostrando que apesar de tudo ainda há vida. O autor mostra o eterno estranhamento do homem em relação aos parâmetros de morte e vida.

#### 4. Considerações finais

Este trabalho teve o intuito de mostrar a obra de um autor desconhecido para muitos, apontando alguns pontos particulares e enigmáticos da obra “dickeana”. Pois, Dicke revela questões não só regionais, como a maioria dos escritores regionais são vistos, mas ele também demonstra as questões presentes no pensamento humano, como a morte. Conforme Gilvone Furtado Miguel, professora da Universidade Federal do Mato Grosso

Para ler Dicke, é preciso emaranhar-se em sua criação, não no sentido de ser enrolado por laços desconhecidos até ser imobilizado, mas no sentido de ser envolvido pelo prazer da aventura do texto, que nos desafia a "fazer trilhas" rompendo touças de ramagens fechadas, pisando terrenos áridos e pedregosos, mas buscando satisfazer a curiosidade instigada nas encruzilhadas dos diversos caminhos do homem riscados pela linguagem criadora na geografia da densidade narrativa de sua literatura-sertão. (apud DICKE, 2008, p. 7).

Neste artigo foram abordados pouquíssimos pontos se comparados com as vastas reflexões que a obra nos causa, pois Dicke ainda é um autor a ser descoberto, ou melhor, redescoberto.

#### Referências

DICKE, Ricardo Guilherme. *Madona dos Páramos*. Cuiabá-MT: Carlini& Caniato; Cathedral Publicações, 2008.

\_\_\_\_\_. *O velho moço e outros contos*. Cuiabá-MT: Carlini e Caniato, 2011.

GOTLIB, Nádía Battella. *Teoria do conto*. 11 ed. São Paulo: Ática, 2006.

MACHADO, Madalena (Org.). MAQUÊA, Vera (org.). *Dos Labirintos e das águas: entre barros e dickes*. Cáceres-MT: Editora Unemat, 2009.

MIGUEL, Gilvone Furtado. *O entre-lugar das oposições no sertão: um estudo do romance Madona dos Páramos*. 2001. 168 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Goiás.

\_\_\_\_\_. *O imaginário mato-grossense nos romances de Ricardo Guilherme Dicke*. 2007. 312 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Goiás.